

A cólera de Aquiles e a Guerra de Tróia na literatura bizantina: da épica e da historiografia do século XII ao romance dos séculos XIV e XV

The wrath of Achilles and the Trojan War in Byzantine literature: from 12th-century epic and historiography to 14th- and 15th-century romance

Rui Carlos Fonseca

Universidade da Madeira / Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
rui.fonseca@staff.uma.pt
ORCID: 0000-0002-0016-0763

Palavras-chave: Aquiles, Cólera, Guerra de Tróia, Literatura Bizantina, Épica, Historiografia, Romance Paleólogo.
Keywords: Achilles, Wrath, Trojan War, Byzantine Literature, Epic, Historiography, Palaeologan Romance.

Nas *Alegorias da Ilíada*, João Tzetzēs resume, em 176 versos de 15 sílabas (o chamado verso político), os acontecimentos celebrados no canto primeiro da *Ilíada*, começando do modo seguinte:

Τῆς Ἄλφα ἢ ὑπόθεσις Ὀμήρου ῥαυφodίας,
ἵνα πρὸς σὴν ὠφέλειαν πάλιν ἐπαναλάβω,
τάδε δηλοῖ κατὰ λεπτὸν ἄπερ ἐνθάδε φράσω.
Ὁ Ὀμηρος ὁ πάνσοφος τὴν γνῶσιν τὴν οἰκείαν
ὡς Καλλιόπην, ὡς θεάν, ὡς Μοῦσαν παρεισάγων,
ἀνερωτᾷ τὸ αἴτιον ὀργῆς τῆς Ἀχιλέως
ἄφ' οὗ πρὸς Ἀγαμέμνονα διήχθρευσεν ἐρίσας.
Ἥ δέ φησιν, ὡς πρὸς αὐτὸν δῆθε, πᾶν τὸ βιβλίον,
οὕτως ἐντεῦθε τὴν ἀρχὴν τοῦ λόγου ποιουμένη.
Ὁ τῆς Λητοῦς καὶ τοῦ Διὸς Ἥλιος παῖς Ἀπόλλων
τῆς ἔχθρας καὶ τῆς μῆνιδος αἴτιος ἐγεγόνει· (*Aleg. Il.* 1.1-11)¹

O assunto do primeiro canto de Homero,
para o retomar, novamente, por interesse teu,

¹ Sigo a edição de Goldwyn e Kokkini (2015). As traduções portuguesas aqui apresentadas são da minha responsabilidade, salvo indicação contrária.

mostra em pormenor aquilo que vou contar aqui.
 Homero, o todo sabedor, o seu conhecimento
 apresentando como a deusa, a Musa Calíope,
 pergunta a causa da cólera de Aquiles,
 pela qual, tendo-se desentendido com Agamémnon, se tornou seu inimigo.
 E ela inspirou-lhe, nesse momento, todo o livro,
 fazendo assim a história começar a partir daí.
 O filho de Leto e de Zeus, Hélio Apolo,
 foi a causa do ódio e da cólera de Aquiles.

A informação contida nestes versos iniciais, sob a aparência de uma manifesta conformidade com a tradição épica antiga, revela, porém, em larga medida devido ao influxo cultural e estético do século XII bizantino, um desvio em relação ao paradigma homérico que tem por base.

A *Iliada* abre, como é sabido, com a referência conjunta à cólera e à ascendência de Aquiles. Esta declarada proximidade entre o estado de espírito e a filiação paterna do melhor dentre os heróis Aqueus percorre todo o enredo épico e torna-se ainda mais significativa, porquanto estes dois traços constitutivos do retrato de Aquiles formam, desde o início, uma unidade de pares antitéticos: a cólera divina e a ascendência mortal.

O carácter divino da cólera de Aquiles vem expresso, na abertura da *Iliada*, no uso de *μῆνις*, uma palavra que tem poucas ocorrências neste poema e que se acha vinculada exclusivamente aos deuses, excepto porém no caso particular de Aquiles. Das onze vezes que *μῆνις* é utilizada na *Iliada*, quatro delas designam a cólera do herói, filho de Peleu, em momentos-chave da narrativa épica: durante as circunstâncias que conduzem a essa cólera (*Il.* 1.1); no episódio da embaixada, quando se pede ao herói para renunciar à cólera (*Il.* 9.517); e quando, no seu regresso à guerra após a morte de Pátroclo, Aquiles abandona a cólera contra Agamémnon (*Il.* 19.35, 19.75). Nas outras sete vezes, o substantivo *μῆνις* serve para designar a cólera de Zeus (*Il.* 5.34, 13.624, 15.122), de Apolo (*Il.* 5.444, 16.711), de uma divindade não especificada (*Il.* 5.178) e dos deuses em geral (*Il.* 21.523)².

Este “estatuto ambíguo” (Redfield, 1979, p. 98), que a abertura da *Iliada* evidencia, o de herói que pertence tanto ao mundo dos deuses como ao dos mortais, confere a Aquiles um carácter de excepcionalidade, um carácter extra-humano, que o distingue dos demais guerreiros que combatem em Tróia. Dentre o conjunto de palavras que, na *Iliada*, são usadas para cólera, *μῆνις*, afirma-o Redfield, é “o nome específico da cólera de Aquiles”, e os outros combatentes temem Aquiles e a sua cólera divina como temeriam a cólera de um deus (1979, p. 97).

Nos versos das *Alegorias da Iliada* aqui transcritos, Aquiles vê diminuída, até certo ponto, a sua aura divina, na medida em que o seu estado colérico começa por ser expresso pelo substantivo *ὀργή* no verso 6, depois por *ἔχθρα*, no verso 11

² A cólera dos deuses referida em *Il.* 21.523 (θεῶν μῆνις) está integrada num símile aplicado a Aquiles. Na *Odisseia*, *μῆνις* designa a cólera dos deuses (*Od.* 2.66) e a cólera de Zeus (*Od.* 5.146, 14.283). Sobre *μῆνις* e outros termos homéricos para cólera na poesia homérica, vide Considine (1966, pp. 15-25) e Redfield (1979, pp. 97-99).

(que traduzo por “ódio”) e só em terceiro lugar por μῆνις, também no verso 11. A palavra ὀργή detém um significado mais generalizado para cólera, assim como um uso menos restrito. Além de ser aplicada a Aquiles nos versos 81, 83 e 84 deste canto primeiro das *Alegorias*, a palavra ὀργή também surge em associação à cólera de Agamémnon contra Crises, no verso 35, e contra Calcas, no verso 67, por ambos porem em causa a sua autoridade, o primeiro pedindo a libertação da filha, o segundo responsabilizando-o pela peste que dizima os Aqueus.

A primazia de ὀργή sobre μῆνις, para designar a cólera de Aquiles, resulta, a meu ver, da interpretação alegórica que Tzetzes faz da narrativa homérica, explicando a presença e as acções das divindades como elementos naturais e meteorológicos. Assim, no canto primeiro das *Alegorias da Ilíada*, por exemplo, Tétis é o mar (verso 185), Posídon é a água (verso 233), Atena é o ar (verso 234), Apolo é o sol (verso 353), as Musas são as restantes estrelas (verso 354), a anuência de Zeus com um movimento de sobranças é um sopro de vento (verso 299), e a descida de Tétis do Olimpo, a chuva (verso 301). No mesmo sentido, ao empregar ὀργή como primeira escolha nestas *Alegorias* para identificar a cólera de Aquiles, Tzetzes apresenta o herói na sua dimensão humana, enquanto mortal, de certa forma destituído do seu fulgor supra-humano³.

O século XII bizantino corresponde, na verdade, a um período de florescimento da cultura e das artes em geral. É também um período de experimentalismo literário e de renovação de géneros. A classe de escritores eruditos trabalhava sob comissão, o seu sustento dependendo geralmente das relações de patronado com membros da família imperial e outras figuras importantes da elite aristocrática bizantina. Ao mesmo tempo que exaltavam as qualidades e os méritos dos seus patronos, os eruditos de Bizâncio recuperam temas e motivos da literatura clássica antiga. É no âmbito deste classicismo bizantino que Homero é usado como fonte recorrente: por um lado, forma a base do sistema educativo de Bizâncio; por outro lado, é copiosamente imitado e adaptado, comentado e parafraseado, enfim, objecto de interpretações a vários níveis. O profundo interesse em Homero faz do século XII o século homérico por excelência, com influências igualmente expressivas ao longo da literatura bizantina⁴.

Tzetzes escreveu as *Alegorias da Ilíada* como introdução à cultura grega, a pedido de Berta Sulzbach da Baviera, a futura imperatriz Irene, esposa de Manuel I Comneno. A noiva bávara encomenda e financia a obra na sua qualidade de patrona das artes, para conhecer a tradição literária grega. Contudo, o grande

³ Nos Prolegomena que antecedem as *Alegorias da Ilíada*, Aquiles começa por ser descrito como ὀργίλος (“irascível”), no verso 676; para a cólera do herói, são utilizadas as palavras μῆνις (vv. 936, 937, 1144, 1165, 1178, 1206) e ὀργή (vv. 1172, 1175).

⁴ Sobre a presença de Homero na literatura bizantina e autores bizantinos que narram a Guerra de Tróia, vide e.g. Hunger (1969-1970, pp. 29-30), Browning (1975, pp. 15-34), Browning (1992, pp. 134-148), Kaldellis (2008, p. 243), Nilsson (2004, pp. 9-34). Sobre o século XII como um período de experimentalismo literário, vide e.g. Zagklas (2017, pp. 229-248). Cardin (2018, p. 109) enfatiza a natureza dupla dos *Carmina Iliaca* de João Tzetzes, como experimentalismo poético e como introdução à poesia homérica. Sobre patronado em Bizâncio, e em Constantino Manasses em particular, vide Nilsson (2021), especialmente o capítulo 3 (pp. 58-85).

clássico não é apenas repetido sob a forma de resumos e paráfrases. Tzetzes reconta-o à luz do contexto cultural em que vive. Neste processo de ‘contemporizar’ Homero (Browning, 1992, p. 140), Tzetzes interpreta alegoricamente os mitos, os episódios e os heróis da *Iliáda*, trazendo assim para o plano mais concreto do real o maravilhoso dos deuses e dos feitos heróicos dos homens. O carácter pagão da obra, em especial a aura divina que envolve os melhores dos guerreiros mortais, é explicado por alegorias, de acordo com os preceitos estéticos, religiosos e ideológicos da época⁵.

Os traços homéricos de Aquiles permeiam a literatura bizantina, em particular as obras que recontam a história da Guerra de Tróia. Ao mesmo tempo, esses traços convencionais são entrecruzados e renovados por matizes bizantinos. O Pelida Aquiles continua a ser o herói por excelência, possante e implacável, que excede todos os demais combatentes na guerra, servindo inclusive de paradigma para engrandecer figuras históricas que se destacaram pelas suas acções beligerantes.

Na *Alexiáda* (obra historiográfica do século XII), Ana Comnena regista as conquistas militares e políticas do pai, o imperador Aleixo I Comneno, celebrando-o qual herói épico, que enfrenta os adversários na guerra com a força de Hércules e supera, com a astúcia de Ulisses, os sucessivos perigos a que o Império dos Romanos é sujeito. Um dos seus principais oponentes é Roberto Guiscardo, que ataca Bizâncio com uma força poderosa. Este rebelde normando vem descrito com traços semelhantes aos do Aquiles homérico: é indomável, o seu grito de guerra basta para pôr miríades de homens em fuga, e tem um coração cheio de cólera (*Alex.* I.10 e IV.8)⁶.

A *Crónica* de Constantino Manasses é uma crónica-mundo do século XII que relata, de forma sinóptica, os acontecimentos da História universal desde a criação do mundo, percorrendo as dinastias e os governantes do Império dos Romanos até 1081⁷. No reinado de Basílio II (r. 976-1025), durante as lutas contra os Búlgaros, este imperador é comparado, ainda que por via indirecta, ao Aquiles homérico, quando se afirma, nos versos 5892-5894, que os cadáveres dos inimigos espalhados por todo o lado não eram em número inferior aos cadáveres dos Troianos chacinados por Aquiles junto do rio Escamandro.

⁵ Para os diferentes níveis (retórico, natural e matemático) de análise alegórica nas *Alegorias da Iliáda* e nas *Alegorias da Odisseia* de Tzetzes, vide Goldwyn (2017, pp. 141-171). Nas páginas 159-164 deste artigo, Goldwyn apresenta uma leitura cosmológica das *Alegorias da Iliáda*, explicando os deuses e as suas acções como forças da natureza. Ver também Cardin (2018, pp. 97-98), sobre a interpretação alegórica dos deuses nos *Carmina Iliaca* de Tzetzes.

⁶ Sobre o retrato homérico de Aleixo e dos seus adversários na *Alexiáda*, vide Fonseca (2021, pp. 127-140). Panayotopoulou-Doulaveras (2006, p. 222): “The comparison of a medieval hero to Achilles is not restricted to Greeks; if not an enemy, any brave man could be measured up to the Homeric hero.”

⁷ Sobre o carácter retórico-literário da *Crónica* de Constantino Manasses e a técnica de narrar a história em verso (não em prosa, como era habitual), vide Nilsson (2019, pp. 518-524).

É precisamente a força possante de Aquiles que fica em destaque na *Crónica* de Manasses⁸. Entre os versos 1109 e 1470 (uma porção considerável, se comparada com o relato mais breve de outros episódios⁹), conta-se o mito da Guerra de Tróia. Nesta parte, os epítetos aplicados ao herói apresentam-no insistentemente como homem de grande força, sem referência à sua origem divina:

ἄνθρωπος πολεμόκλονος, ἄλκιμος, βριαρόχειρ (v. 1237)
homem beligerante, valente, de fortes mãos

τοῦ καρτερόχειρος Ἀχιλλέως (v. 1300)
Aquiles de mãos possantes

ὁ κραταιόχειρ Ἀχιλλεύς (v. 1312)
Aquiles de mãos possantes

πολεμόκλονε καὶ γίγα βριαρόχειρ (v. 1405)
beligerante e gigante com fortes mãos

ὁ τηλικούτος ἥρωσ (v. 1409)¹⁰
tão poderoso herói

Os escritores bizantinos adaptam a poesia homérica aos gostos particulares da alta sociedade de Bizâncio, sem deixarem, porém, de reproduzir os aspectos originais da matéria antiga, pelo que é comum as versões bizantinas sobre Aquiles e a Guerra de Tróia combinarem tradição e novidade. A análise comparada entre o poema épico de João Tzetzes, os *Carmina Iliaca* (*Antehomerica*, *Homerica* e *Posthomerica*), a obra historiográfica de Constantino Manasses e os romances anónimos *Iliada Bizantina* e *Aquileida* revela uma grande variedade de epítetos atribuídos a Aquiles (mais de três dezenas): uns são tipicamente homéricos, outros, construções eruditas posteriores. Enquanto Manasses emprega termos compostos de uso raro ou praticamente inexistente na poesia antiga, Tzetzes atribui a Aquiles epítetos homéricos, como *μεγάθυμος* (“magnânimo”), *διός* (“divino”), *ὄβριμος* (“possante”), *πελώριος* (“poderoso”) e *φαίδιμος* (“glorioso”). E para sublinhar o atributo por que é tão conhecido, usa o composto *ἄελλοδρόμος* (“rápido como o vento”), cujo sentido faz ressoar o tradicional *ποδάρκης* (“de pés velozes”). Nos dois romances anónimos posteriores, o epíteto aplicado mais vezes ao herói é *μέγας*, seguido de *θαυμαστός*, como mostra a tabela abaixo.

⁸ A intrepidez e a destreza física excepcionais de Aquiles fazem dele, no âmbito da literatura bizantina, o arquétipo de proeza masculina na guerra (Panayotopoulou-Doulaveras, 2006, p. 221).

⁹ Os leitores bizantinos entendiam a Guerra de Tróia como um acontecimento histórico, dado que liam sobre ela em obras historiográficas, como as crónicas (Moening, 2018, p. 362).

¹⁰ Sigo a edição de Lampsidis (1996).

Επίτετος de Aquiles	João Tzetzēs			Constantino Manasses, <i>Crónica</i> (vv. 1109-1470)	<i>Iliada</i> <i>Bizantina</i>	<i>Aquileida</i>
	<i>Ante.</i>	<i>Hom.</i>	<i>Post.</i>			
ἀελλοδρόμος	1					
μεγάθυμος	1	2				
ἄγριος		2				
δῖος		1	2			
ὄβριμόθυμος		1				
ὄβριμος			1			
πελώριος			2			
ποδάρκης			1			
φαιδίμος			1			
ἄλκιμος				1		
βριαρόχειρ				2		
καρτερόχειρ				2		
πολεμόκλονος				2		
τηλικούτος				1		
ἄθλιος					1	
ἀνδρειωμένος					1	1
δυνατός					1	1
ἐξαιρημένος					1	
εὐτολμος					1	
θαυμαστός					5	9
ἰσχυρός					1	2
μεγάλος					3	2
μέγας					11	15
πολεμοκλονδράκος					1	
πρῶτος					1	
τροπαιοῦχος					2	2
φρικτός					3	
γενναῖος						1
δυνάστης						3
ἐξάιρετος						2
ἰσχυρότατος						1
νικητής						2
πανέμορφος						1

Epítetos de Aquiles	João Tzetzes			Constantino Manasses, <i>Crónica</i> (vv. 1109-1470)	<i>Iliada</i> Bizantina	<i>Aquileida</i>
	<i>Ante.</i>	<i>Hom.</i>	<i>Post.</i>			
σπερρός						2
στρατιώτης						1
ὑπερνικῶν						1
φοβερός						2

Tabela: Epítetos de Aquiles em número de ocorrências

A articulação entre elementos homéricos e bizantinos em representações literárias de Aquiles e da Guerra de Tróia não se limita à terminologia utilizada para a cólera nem ao uso dos epítetos; envolve também a reconfiguração dos episódios em que o herói participa na guerra. O relato selectivo que Homero fornece da Guerra de Tróia (a acção circunscrita de um breve período no último ano do conflito) difere da visão alargada descrita pelos escritores bizantinos. Episódios fundamentais da *Iliada*, como a cólera de Aquiles, a disputa com Agamémnon e o “raptó” de Briseida, são referidos de forma sucinta ou são de tal forma manipulados, a ponto de ganharem novo formato e novas interpretações, tendo em conta o contexto literário que os acolhe, se épico, historiográfico ou romanesco.

Os *Carmina Iliaca* de Tzetzes abrangem toda a história da guerra entre Aqueus e Troianos: *Antehomerica* descreve, em 406 versos, o início do conflito desde os antecedentes remotos até aos eventos que causarão a cólera de Aquiles e a sua recusa em combater; *Homerica* reconta sumariamente, em 489 versos, os acontecimentos da *Iliada* de Homero; *Posthomerica*, com 780 versos, retoma a acção bélica a partir do funeral de Heitor, celebrando os feitos e o destino fatal de Pentésileia, Mémnon, Troilo, Aquiles, Páris e Deífobo, até à ruína de Tróia e a partida dos Gregos¹¹.

Nesta obra de Tzetzes, a cólera de Aquiles não é consequência da desonra a que ele é sujeito publicamente por Agamémnon, quando lhe causa um dano irreparável no seu estatuto heróico; resulta antes da morte de Palamedes, descrita no final da primeira parte. Ulisses, figura desprezível entre os nobres guerreiros, é quem, com intenções vis e pensamentos subtis, tece uma teia de intrigas que acabam por levar à morte deste guerreiro. O divino Palamedes, conhecido pela sua sagesa e pela capacidade de prever e evitar desgraças que põe ao serviço dos exércitos, é honrado e estimado por todos os companheiros (*Ante.* 286-296), à excepção de Ulisses que o odeia, precisamente devido à dignidade que os outros lhe reconhecem (*Ante.* 297-310). E assim, falsamente acusado de traição junto de Agamémnon, Palamedes morre apedrejado pelos Micénios e pelos Cefalénios, enquanto os demais Aqueus lamentam em silêncio, receosos da cólera do Atrida

¹¹ Cardin (2018, p. 93): “The so-called *Carmina Iliaca* is a hexameter account of the Trojan War with explanatory notes: a short epic poem (1676 lines) — addressed by Tzetzes to his students — which recounts the background of the *Iliad*, what Homer said about the fight, and the events that led to the capture of Troy, all with Tzetzes’s own annotations clarifying the poetic text.”

(*Ante.* 383-389). Esta é também a versão transmitida por Constantino Manasses na sua *Crónica* (versos 1272-1337)¹².

Homerica abre com Aquiles a chorar Palamedes, e por causa desta morte o filho de Peleu devolve Briseida aos Aqueus e abstém-se de combater. Sem Palamedes para interpretar a vontade dos deuses, muitos dos Aqueus sucumbem à peste de Apolo.

Αὐτὰρ ἐπεὶ τόγ' ἄκουσεν Ἀχιλλεύς ὄβριμόθυμος,
Ὡς Βρισηΐδος εἵνεκα τοιάδε ἔργα γενοντο,
Δάκρυε μὲν Παλαμήδεα, τὴν δ' ἐφέηκεν Ἀχαιοῖς,
Αὐτὸς δ' αὐτ' ἀπέπαυσε μάχης πολέμοιό τε πάμπαν.
Πρὸς δέ γε λοιμὸν Ἀπόλλων, ἥελιος μέγας, ἦκεν.
Θνησκον δ' Ἀργεῖοι, Παλαμήδεος οὐκ ἔτ' ἔοντος,
Ὅς λοιμοῦς [τε] πρόφρασκε καὶ ἀλθεστήρια τούτων. (*Hom.* 1-7)¹³

Mas quando o muito animoso Aquiles ouviu isto,
que tais acções aconteceram por causa de Briseida,
chorou Palamedes e enviou-a para os Aqueus,
então ele próprio cessou completamente de lutar na guerra.
Depois Apolo, o grande Hélio, enviou-lhes a peste.
Morriam os Argivos, não se achando já entre eles Palamedes,
que previa as pestes e os remédios para as tratar.

O desentendimento com Agamémnon faz-se, portanto, por via indirecta, mediante a intervenção dolosa de Ulisses. O que está em causa nesta representação bizantina de Aquiles não é o dano que lhe é infligido por se ver privado de um privilégio conquistado em virtude do seu mérito de guerreiro. Aquiles restitui o seu *geras*, decide abandonar a guerra, não porque se desentendeu com Agamémnon, não por causa da honra que perdera, mas para honrar a memória de um companheiro morto à traição. Na *Iliáda*, Briseida está na origem da cólera de Aquiles e na conseqüente retirada da guerra. Também nesta obra de Tzetzes, Briseida serve de pretexto para o comportamento do herói, pois, usando de dolo, Ulisses conta como Palamedes prejudica Agamémnon, roubando-lhe tesouros para os entregar a Aquiles (*Ante.* 344-367). Assim, ao devolver Briseida, Aquiles evita que recaia sobre si próprio qualquer responsabilidade não só pela morte de

¹² Eurípides terá composto uma tragédia intitulada *Palamedes*, representada nas Grandes Dionísias do ano de 415 a.C., juntamente com *Alexandre e Troianas*. Ver Cardin (2018, pp. 98-101) sobre as escolhas de Tzetzes ao contar a sua versão da Guerra de Tróia, e sobre a centralidade da figura de Palamedes. Tzetzes relata a morte de Palamedes nos *Prolegomena* (vv. 950-1131) que antecedem as *Alegorias da Iliáda*. Na literatura bizantina, Ulisses é retratado como personagem desprezível e odiosa, à semelhança do que já acontecia na tragédia grega do século V a.C. (e.g., *Troianas* de Eurípides e *Filoctetes* de Sófocles). Para um estudo abrangente sobre as diferentes modulações do carácter de Ulisses na tradição literária, da época antiga à moderna, vide Stanford (1985²), especialmente o capítulo 8 sobre a tragédia grega (pp. 102-117) e o capítulo 12 intitulado “Ulysses and the discrediting of Homer” (pp. 146-158).

¹³ Sigo a edição de Jacobs (1793). Os *Carmina Iliaca* de Tzetzes contam com uma tradução inglesa de Ana Untila.

Palamedes, como também pela posse indevida de um prémio que, por acusação falsa de Ulisses, teria sido subtraído ao Atrida Agamémnon.

Em *Homérica*, Tzetzes não insiste no carácter intransigente de Aquiles, antes no seu sentimento de amizade profunda para com um combatente morto injustamente. A assembleia do canto primeiro da *Iliada*, em que se dá a disputa exacerbada entre Aquiles e Agamémnon com consequências gravosas para os exércitos dos Aqueus e cujos efeitos se estendem a toda a narrativa homérica, está omissa deste texto bizantino. E o episódio da embaixada do canto nono é aqui reduzido a um único verso (*Hom.* 188) e a um só embaixador não identificado¹⁴. A morte de Palamedes fá-lo retirar-se da guerra; a morte de Pátroclo fá-lo regressar às lides bélicas, de acordo com o modelo homérico: o filho de Peleu cessa a sua cólera e restabelece a paz com o Atrida. Contudo, no processo de ‘desdivinização’ de Aquiles exigido pela estética literária bizantina, o herói equipa-se para o seu regresso à guerra com armas douradas (*Hom.* 235), sem que Tzetzes inclua neste ponto da narrativa nem a descrição de Hefesto a trabalhar na forja divina, nem a descrição ecrástica do escudo feito pelo deus artífice.

Tal como Palamedes, também Aquiles perde a vida na sequência de uma artimanha perpetrada contra ele: cai vítima de uma emboscada no templo de Apolo e morre às mãos de Deífobo e Páris (*Post.* 385-423). E tal como foi Ájax a realizar os ritos fúnebres para Palamedes, contrariando assim a vontade de Agamémnon (*Ante.* 386-406), também é Ájax quem começa por preparar o cadáver do Pelida para lhe prestar as devidas honras fúnebres (*Post.* 424-481). Os destinos dos dois combatentes, Aquiles e Palamedes, vêm deste modo entretrecidos no poema de Tzetzes.

Além das adaptações em obras épicas e historiográficas da época dos Comenens no século XII, a figura de Aquiles e a história da Guerra de Tróia são também recontadas e recriadas nos romances bizantinos tardios, da época dos Paleólogos. As narrativas de amor, viagem e aventura, datadas entre meados do século XIII e finais do século XV, durante a dinastia dos Paleólogos, são formas de entretenimento literário produzidas para a corte imperial e famílias aristocráticas. Estes romances caracterizam-se pela mistura de vários ingredientes, combinando o universo da cavalaria medieval com os repertórios de mitos da Antiguidade Clássica e da Antiguidade Tardia¹⁵. O enredo destes romances inclui

¹⁴ Pode supor-se que o embaixador dos Aqueus não seja Ulisses, considerando a inimizade já mencionada e o carácter desprezível a que é votado por parte dos guerreiros nobres. Imediatamente a seguir ao verso da embaixada, são, contudo, referidos os nomes de Diomedes e Ulisses. Se levantarmos a hipótese de que Ulisses é o embaixador que tenta persuadir Aquiles a regressar à guerra para auxiliar os Aqueus, é legítimo concluir que Aquiles recusa o pedido, precisamente por ser Ulisses que vai ao seu encontro, ele que, por interesse mesquinho e intenções vis, conspirou contra Palamedes, causando-lhe a morte.

¹⁵ Cf. Hägg (1983, p. 80). Sobre as tradições literárias que formam os romances bizantinos em vernáculo, vide e.g. Arrignon e Duneau (1992, pp. 283-290); Agapitos (2004, pp. 7-101, sobretudo as páginas 16-26 para discussões sobre género); Moennig (2014, pp. 163-182); e Luzi (2016, pp. 71-87). Theologitis (2004, p. 218): “les Byzantins ont invoqué presque tous les genres littéraires, antiques et contemporains, de l'épopée à l'historiographie, des exercices de rhétorique à la comédie nouvelle, comme si le ‘roman’ était né de la désagrégation de toutes les pratiques poétiques et

motivos orientais e dos contos de fadas; a acção desenvolve-se, por regra, em reinos distantes, terras exóticas, geografias não identificadas, castelos maravilhosos, nos domínios do sonho e da magia. Mesmo nestes romances paleólogos, com traços muito diferentes dos modelos literários do século XII, a presença de Homero é notável. Episódios, cenas-tipo e temas da poesia homérica são amiúde transformados e adaptados pelos escritores bizantinos de épocas posteriores, inclusive pelos romancistas paleólogos.

Os romances anónimos *Aquileida* (meados do século XIV) e *Iliada Bizantina* (entre finais do século XIV e inícios do século XV) servem-se da tradição homérica e da tradição épica antiga, a ponto de transformarem o mito da Guerra de Tróia, respectivamente, no romance de Aquiles e no romance de Páris¹⁶. Em comparação com as obras do século XII aqui analisadas, estes dois textos evidenciam um maior grau de manipulação da fonte homérica, precisamente devido ao facto de se apresentarem como versões romanceadas do mito antigo, e nessa medida os heróis da Guerra de Tróia tornam-se heróis romanescos (Lavagnini, 2016, p. 248).

A *Aquileida* é constituída por 1820 versos políticos no manuscrito de Nápoles (a versão N), a mais extensa das três versões onde o texto ficou preservado¹⁷. Trata-se de um romance de cavalaria tipicamente medieval, abarcando toda a vida de Aquiles, desde as circunstâncias do seu nascimento, passando pela sua educação, conquistas bélicas e amatórias, até às circunstâncias da sua morte. Apesar do título do romance, do nome do herói homérico e de elementos tradicionais referidos pontualmente no texto (Ftia, os Mirmídones, Pátroclo, que vem grafado sob a forma Pantrucllo), a verdade é que o material deste romance é quase todo alheio ao universo homérico e à tradição épica antiga¹⁸. É possível, no entanto, descobrir, mais ou menos claramente, algumas ressonâncias homéricas.

Aquiles vem retratado na *Aquileida* como verdadeiramente admirável (o epíteto *θαυμαστός* é na verdade, como a Tabela acima mostra, o segundo mais vezes aplicado ao herói, logo a seguir a *μέγας*), em tudo valoroso e excepcional, grande era a sua força e coragem. Para defender os territórios do pai saqueados

rhétoriques codifiées. Comme si le ‘roman’ avait utilisé et refondu dans sa structure quasiment tous les genres de la littérature!”

¹⁶ Lavagnini (2016, p. 234) reconhece que, no romance grego em vernáculo, a longa e ilustre tradição homérica é representada sobretudo por duas obras, *Iliada Bizantina* e *Aquileida*. Goldwyn e Nilsson (2019, p. 190) referem-se à variedade do uso criativo que os romances paleólogos apresentam tanto da poesia homérica como da narrativa da Guerra de Tróia; os seus autores anónimos dão ao enredo épico uma roupagem romanesca.

¹⁷ A *Aquileida* também foi transmitida num códice de Londres (versão L) com 1320 versos e num códice de Oxford (versão O) com 763 versos. A variante O, considerada um resumo da história, foi editada por Smith (*The Oxford Version of the Achilleid*, 1990).

¹⁸ Cf. Beaton (1996², p. 110): “Despite its title, this romance has next to nothing in common with the classical legends surrounding this hero.” Embora admitindo que a *Aquileida* esteja inteiramente vazia de referências aos poemas homéricos, Goldwyn e Nilsson (2019, pp. 196-199) tentam uma leitura comparada entre este romance e a *Iliada*, propondo possíveis ecos homéricos na *Aquileida*; e argumentam que o herói homérico, em vez de ter desaparecido, foi antes transformado por força das circunstâncias da época, para se adequar ao público bizantino, com outras exigências de gosto literário. Cf. Nilsson (2004, pp. 27-28).

por povos estrangeiros, parte com um grupo de doze companheiros, dentre os melhores, mais nobres, valentes, que ele muito amava (*Aq.* 257-261). É em contexto bélico, na luta contra o exército invasor para proteger a propriedade do pai, o rei da Ftia, que pela primeira vez no romance Aquiles se mostra encolerizado, mais concretamente quando morrem dois dos seus mais estimados companheiros. Imediatamente, avança para o centro do combate, e muitos são os que morrem golpeados pela sua lança.

Ἐπέθαναν δύο νεώτεροι ἐκ τοῦς δώδεκα ἐκείνους,
καὶ θυμωθεὶς ὁ Ἀχιλλεὺς ὀρίζει νᾶ τὸν φέρουν
τὸν μαῦρον του τὸν θαυμαστόν, φρικτὸν καὶ ἀνδρειωμένον
μετὰ θυμοῦ του φοβεροῦ πηδᾶ, καβαλλικεύει.
Ἐσμίξασιν ἀμφοτέροι ἀλλήλους τὰ φουσάτα,
ἀλλήλως κατακόπτουνται καὶ ἀλλήλως κατελοῦνται,
καὶ κονταρέας ἐσφάζοντα ἀπὲ τὸν Ἀχιλλέα (*Aq.* 565-571)¹⁹

Morreram dois dos mais jovens daqueles doze,
e, encolerizado, Aquiles ordena que lhe tragam
o seu cavalo preto, admirável, terrível, valoroso;
salta com cólera formidável, monta o cavalo.
Ambos os exércitos se lançam uns contra os outros,
ferem-se mutuamente e mutuamente se aniquilam,
e Aquiles vai chacinando com golpes de lança.

Ao nível temático, nota-se o precedente da *Iliáda* neste comportamento sanguinário do herói na guerra: a morte de companheiros mui prezados origina um profundo desejo de vingança, que o leva à carnificina no campo de batalha, desbaratando as falanges inimigas, de maneira que tal matança faz correr um rio de sangue em abundância. Esta proximidade temática com o modelo homérico vem logo desfeita, visto que este Aquiles bizantino, depois de muito lamentar a morte dos dois amigos, os substitui por outros dois (*Aq.* 601-606), e esta substituição vem atenuar, senão mesmo dissipar, na acção romanesca, o sentimento de perda irreparável e a carga trágica que a morte de Pátroclo tem na *Iliáda*²⁰.

Após os combates da guerra e os combates de amor, Aquiles e a sua amada (cujo nome nunca chega a ser conhecido, como é típico do romance bizantino paleólogo) têm um casamento feliz durante seis anos até à morte da mulher. A história de Aquiles, do nascimento ao funeral da esposa, ocupa a quase totalidade do romance. A última parte, os versos 1759 a 1820, introduz a temática da Guerra de Tróia, um ano depois de Aquiles ter sepultado a sua esposa. Este fim, enquadrado mais directamente na tradição épica, não necessariamente homérica,

¹⁹ Sigo a edição de Moreno Jurado (1994).

²⁰ Há referências ao comportamento colérico de Aquiles noutros dois episódios bélicos da *Aquileida*: na guerra contra os irmãos da amada do herói, que ele raptara e que se torna sua esposa (versos 1343-1355); e no torneio com o cavaleiro franco (versos 1479-1488: fala de Aquiles à sua amada; e versos 1502-1505: fala de Aquiles a Pantrucló). Na *Aquileida*, a cólera do herói é expressa pelo substantivo θυμός e pelo participio θυμωθεῖς.

é considerado um acrescento posterior, numa tentativa de aproximar o Aquiles romanesco do modelo épico²¹. O grande Aquiles, rei dos Mirmídones e senhor da Ftia, entra na guerra que mobiliza todos os reis e chefes dos Gregos contra a terra inteira de Tróia. A narrativa bélica centra-se num episódio da tradição pós-homérica, a morte de Aquiles. Sempre triunfante na guerra, mostrando-se o mais forte dentre todos os combatentes, o herói dirige-se ao templo de Tróia, sob o falso pretexto do casamento com Políxena, e aí é morto por dolo de Páris e Deífobo. O episódio chega mesmo a ser descrito como τὸν ἄδικον θάνατον τοῦ Ἀχιλλέως, “a injusta morte de Aquiles” (Aq. 1809).

A encerrar o romance, Aquiles serve de paradigma em relação à inevitabilidade da morte e do destino. O herói, exaltado ao longo de toda a história pelas suas qualidades excepcionais, beleza e valor admiráveis, é tomado como ponto de referência para a nota final de que nada – nem beleza, nem riqueza, nem valor – escapa à morte. Tudo se desvanece num instante, e a todos a morte destrói. Muito honrado em vida, excedendo todos em glória, valentia e feitos notáveis, Aquiles acaba por se tornar igual a qualquer outro na morte²².

Ao contrário da *Aquileida*, a *Iliada Bizantina* reconta e recria vários episódios da tradição épica e homérica da Guerra de Tróia com elevado grau de manipulação da matéria de que se apropria²³. A história da guerra é aqui romanceada, desenrolando os amores de Páris e Helena, entrecruzados pelos amores de Aquiles e Criseida, ao longo de 1166 versos. Começa-se com o sonho do rei Príamo e o prenúncio de desgraça em relação ao nascimento de Páris, e termina-se com o funeral de Aquiles e a vingança levada a cabo pelo seu filho, Pirro. A tremenda guerra é anunciada a partir do verso 780, após a fuga de Páris e Helena para Tróia. A história de Aquiles, a sua participação na guerra, começa no verso 792. É a partir deste ponto que se relatam os acontecimentos que correspondem ao início da *Iliada*, o rapto de Criseida (identificada como Briseida, no verso 806) e a retirada de Aquiles da guerra. Neste romance, porém, tais situações são moldadas de modo diferente.

O romancista da *Iliada Bizantina*, omitindo por completo a disputa entre o melhor dos Aqueus e o Atrida Agamémnon, apresenta Aquiles como o responsável directo pela mortandade entre os Aqueus. É Aquiles quem arrebatou a formosa Criseida pela força e se entrega a uma paixão avassaladora, negligenciando assim os assuntos da guerra. A sua inacção no campo de batalha gera mortes incontáveis entre os exércitos gregos. Ao examinarem a causa de tantas mortes, os adivinhos chegam à conclusão de que Criseida tem de ser devolvida ao seu

²¹ Moreno Jurado (1994, p. XI): “Versos 1759-1820. Se consideran, sin duda alguna, un añadido realizado por un autor anónimo, con ciertas tendencias cultas y con el propósito de relacionar el poema con la epopeya homérica.” Cf. Nilsson (2004, p. 28).

²² Panayotopoulou-Doulaveras (2006, pp. 220-233) mostra que, no âmbito da literatura bizantina tardia e da literatura grega pré-moderna, a figura de Aquiles funciona como *exemplum* a vários níveis, inclusive como paradigma da natureza efémera da vida humana (p. 227).

²³ Moening (2018, pp. 361-362): “Obviously, the author of the *Tale of Troy* felt free to use his material in quite a creative way (the following variants of the traditional narrative material are likely to be inventions of the author of the *Tale of Troy* [...]).”

pai. Por resolução de todos os reis, assim se faz; as mortes cessam, mas Aquiles, “indescritivelmente desolado” e triste, abandona os combates.

Μετὰ τῆς συμβολῆς ὀλονῶν, οἱ βασιλεῖς καὶ αὐθέντες
τὴν Χρῦσηϊδα παίρνουσιν, ἐδώκαν τὴν τὸν Χρῦσην.
Λυπᾶται ὁ μέγας Ἀχιλλεὺς ἀμέτρητα μεγάλα,
ποσῶς οὐδὲν ἐθέλησεν ἵνα καβαλλικεύσῃ,
ἵνα φορέσῃ ἄρματα, ἵνα μονομαχήσῃ,
ἀλλὰ τὴν μάχην ἔφηκεν, ἐξαπολεῖ τὰ πάντα,
κ' εἰς τὰ φουσσᾶτα περπατεῖ ὡς πενιχρὸς αὐθέντης. (*Il. Biz.* 827-833)²⁴

Por resolução de todos os reis e príncipes,
tomam Criseida e entregam-na a Crises.
O grande Aquiles fica indescritivelmente desolado:
recusou-se terminantemente a montar a cavalo,
a pegar em armas e a lutar em combates singulares;
pelo contrário, abandonou a luta, deixou tudo,
e passeia pelo acampamento como senhor humilde.

Ressaltam, nesta versão bizantina, manifestas diferenças quanto ao modelo homérico. Em função das circunstâncias culturais e dos preceitos religiosos da época bizantina, a presença do divino é reduzida na acção narrada, como acontece noutros textos aqui analisados. Nunca se chega a afirmar que a mortandade entre os Aqueus resulta da peste de Apolo. As mortes têm a sua origem, não numa causa divina (a cólera de Apolo), mas humana (a paixão arrebatadora de Aquiles). A desonra pública a que se vê sujeito na *Ilíada* não tem aqui lugar, ganhando, portanto, este motivo épico contornos romanescos. Não é a perda de prestígio entre os nobres do exército que o move, mas a perda da sua amada que o faz retirar-se dos combates. O seu afastamento da guerra, resultante da restituição de Criseida ao pai, vem salvar os Aqueus da morte apenas para lhes causar ainda mais infortúnios. Longe do Aquiles homérico que convoca a assembleia do canto primeiro preocupado com a peste aniquiladora dos exércitos e que tudo faz para os poder salvar, até mesmo enfrentar o comandante supremo das hostes, este Aquiles romanesco, pelo contrário, em vez de tentar libertar os companheiros do perigo, causa-lhes sucessivas desgraças, pondo à frente dos interesses colectivos caprichos pessoais, a sua paixão por Criseida.

O desvio mais significativo neste episódio, e no conjunto deste romance, parece ser a ausência da cólera de Aquiles. Ele abandona tudo com grande pesar (*Il. Biz.* 829: *Λυπᾶται*) e amargor (*Il. Biz.* 836: *ἐκ τῆς πικριᾶς*), mas sem demonstrar cólera, ou pelo menos não se encontra no texto qualquer palavra para a designar. Neste sentido, o grande tema e motor da *Ilíada*, a cólera do Pelida e suas consequências nefastas, está ausente desta narrativa de ficção, não dependendo a guerra de todos os Gregos e de Tróia inteira do comportamento de um só herói. A história completa da guerra, numa versão muito mais alargada do que a acção restrita celebrada no poema homérico, tem como efeito, portanto, retirar a Aqi-

²⁴ Sigo aqui a edição e a tradução preparadas por Magueijo (2003).

les grande parte do seu protagonismo de herói divino. A guerra não se resume à intervenção isolada de Aquiles, que passa a ser um partícipe da guerra entre outros guerreiros igualmente importantes. Até porque a *Iliada Bizantina* vem enquadrada pelo mito de Páris: abre com o prenúncio de desgraça que envolve o seu nascimento e encerra com a trama que prepara contra o terrível Aquiles²⁵.

Na verdade, o romancista faz do Pelida elemento integrante numa sucessão de mortes por vingança, que se vai desenrolando ao longo da história da guerra. Este texto, mais do que qualquer outro aqui sob estudo, mostra claramente uma relação de causalidade entre as mortes dos principais heróis da guerra: Aquiles mata Heitor (versos 955-964); Páris, para vingar a morte do irmão, mata Aquiles (versos 965-989); Pirro, para vingar a morte do pai, mata toda a família real de Tróia (versos 1031-1050). Neste encadeamento de mortes por vingança, falta o elemento que na *Iliada* vem reverter o curso da guerra: a morte de Pátroclo às mãos de Heitor²⁶. Portanto, à luz de tal ausência, é a partir de Aquiles que esta sequência tem início, ao contrário do Aquiles homérico que age consumido pelo desejo de vingança. As ações de Páris e de Pirro são aqui justificadas pelo dever de honrarem a memória dos seus familiares assassinados na guerra, respectivamente o irmão e o pai. Aquiles, porém, nesta versão romanesca bizantina, não tem outro motivo para matar Heitor senão por exigência da própria guerra e por Heitor ser o mais valente dentre os combatentes troianos. O herói grego mata o príncipe de Tróia usando de artifício (verso 960) e acaba, também ele, por ser assassinado como resultado de dolo (versos 977-986), embora se diga que a sua morte seja injusta (verso 1132), como também se anunciara no final na *Aquileida*.

O fim da *Iliada Bizantina* contém uma nota de teor análogo àquela que encerra a *Aquileida*: o mistério da terrível morte a todos chega e a todos precipita igualmente no mesmo lugar sombrio; nem mesmo Aquiles escapa ao destino insondável da morte, ainda que seja o mais valente e o mais admirável dos heróis, tendo sido coroado das maiores glórias e tendo realizado as mais heróicas façanhas a que o mundo assistiu. Aquiles serve de exemplo para mostrar que nem glória,

²⁵ Moening (2018, pp. 351-372) defende que a *Iliada Bizantina* ou *História de Tróia* é composta como biografia fictícia (p. 353); trata-se de um romance baseado numa fonte histórica (no relato da Guerra de Tróia da *Crónica de Manasses*); inscreve-se por isso na categoria do romance histórico, apresentando uma perspectiva negativa do seu protagonista, pelo que a *Iliada Bizantina* é um *psogos* de Páris (p. 358): “our anonymous writer modified the newly created subtype of biographical-encomiastic romance, and converted it into a biographical *psogos*” (p. 367). O mesmo estudioso estabelece um vínculo genológico muito próximo entre a *Crónica de Manasses* (uma obra historiográfica com características romanescas) e a anónima *Iliada Bizantina* (um romance construído com tópicos da prosa histórica). Cf. Nilsson (2004, p. 18) sobre o carácter novelístico da história e o carácter histórico do romance na literatura bizantina, e o papel central da crónica de Manasses nesse processo literário. Nilsson (2019, p. 523): “His chronicle thus remains history, however ‘novelistic’, aesthetically pleasing, or entertaining the form.”

²⁶ Pátroclo é referido no verso 973, integrando a comitiva de Aquiles ao palácio de Príamo, aonde se dirige sob a falsa promessa de casamento com Políxena. Este episódio em que Pátroclo toma parte é posterior à morte de Heitor, descrita nos versos 960-961. Ao contrário da tradição homérica, Pátroclo ainda está vivo depois de o príncipe troiano ter perdido a vida pela lança de Aquiles.

nem magnificência, nem virtude conseguem superar o mistério da terrível morte. O herói está-lhe sujeito, e ela dá a todos tratamento igual.

Quer o vínculo que os autores bizantinos estabelecem com a poesia homérica seja de proximidade ou afastamento, de repetição ou adaptação, a verdade é que entre eles Homero é presença determinante, a fonte aonde vão beber, a mesma que os alimenta, possibilitando recriações plurais e leituras renovadas da tradição épica. Ao longo da literatura bizantina, Homero oferece matéria abundante para explicações alegóricas, comentários exegéticos, relatos historiográficos e adaptações romanescas. Os autores bizantinos manifestam para com a autoridade de Homero atitudes diversas entre a admiração e a crítica, que ficam patentes no modo como desconstroem, refazem e recontam a versão homérica da Guerra de Tróia e no modo como também reconfiguram os heróis que nela participam.

Na sua *Crónica*, Constantino Manasses declara que vai contar a guerra contra os Troianos, mas não como Homero o fez:

ταύτην ἐγὼ βουλόμενος τὴν μάχην ἱστορήσαι
καθὼς τοῖς ἱστορήσασσι γράφεται περὶ ταύτης,
καὶ μέλλων λέγειν, οὐ καθὼς Ὅμηρος ἀναγράφει,
συγγνώμην ἐξαιτήσομαι παρὰ τῶν εὐγνωμόνων
Ὅμηρος γὰρ ὁ μελιχρὸς τὴν γλῶτταν καὶ θελξίνους
μεθόδοις χρώμενος σοφαῖς οἰκονομεῖ τοὺς λόγους,
ἐνιαχοῦ δὲ τὰ πολλὰ στρέφει καὶ μετατρέπει (Cr. 1111-1117)

Eu quero contar a história desta guerra
como se escreve sobre ela nas histórias,
e vou fazê-lo, não como Homero a transmite;
pedirei perdão aos que são benevolentes.
Homero tem uma língua doce como mel e encanta,
desenvolve o tema usando meios engenhosos,
por vezes, distorce e altera muitas coisas.

João Tzetzes abre os *Carmina Iliaca* referindo o “ilustre Homero” (*Ante. 6: Ὅμηρου κυδαλίμοιο*) e relata a sua versão da guerra tanto de acordo com Homero (*Hom. 25: Ὅμηρου*), como desviando-se dele, ao admitir que o poeta não contou a cólera de Aquiles desse modo (*Hom. 230: Τήνπερ Ὅμηρος ἔφησεν οὐ εἵνεκα εἶπε γενέσθαι*, “Homero disse que não foi por causa disto que a cólera se originou”).

Na parte final da *Aquileida*, incluído num rol de poetas, sábios, retores, filósofos antigos e grandes mestres que escreveram sobre Aquiles, Homero vem identificado como “o primeiro dos sábios e grande poeta” (*Aq. 1800: Ὅμηρου πρώτου τῶν σοφῶν καὶ ποιητοῦ μεγάλου*), posto ao lado de Aristóteles, Platão e Palamedes.

Procedimento análogo é usado pelo autor da *Iliada Bizantina*, que enuncia, com intenção laudatória, conhecidos exemplos de sagesa – Platão, Aristóteles, Salomão –, dispondo-os numa lista encimada pelo “grande Homero” (*Il. Biz. 455-458*). O poeta antigo vem também referido como “o grande erudito e mestre Homero” (*Il. Biz. 796: ἄγαν φιλόσοφος Ὅμηρος διδασκάλων*), “esse poeta admirável” (*Il. Biz. 797: ὁ ποιητὴς ὁ θαυμαστός*), “O grande mestre e sábio dos Helenos” (*Il. Biz. 1057: Ὁ μέγας ὁ διδάσκαλος καὶ ὁ σοφὸς Ἑλλήνων*), autor de um livro sobre a história do grande Aquiles, das atribuições dos Gregos e da destruição da

Tróade (*Il. Biz.* 795-799, 1057-1059). O romancista bizantino declara ainda que relata a história da guerra tal como Homero a escreve²⁷. Não deixa de ser curioso notar que este romance paleólogo é, das obras aqui em análise, o que transforma mais abertamente o material da poesia homérica e da tradição épica. Significa isso, portanto, que qualquer que seja a versão da Guerra de Tróia recriada pelos Bizantinos, mesmo aquela que apresente desvios mais acentuados e que mais se afaste do modelo de base, a nova história não é contada sem o prestígio intemporal do grande Homero.

Referências bibliográficas

- Agapitos, P.A. (2004). Genre, Structure, and Poetics in the Byzantine Vernacular Romances of Love. *Symbolae Osloenses*, 79, 7-101.
- Ana Comnena (2016). *La Alexiáda. Una Historia del Imperio Bizantino Durante la Primera Cruzada*. Introducción, traducción y notas de E. Díaz Rolando. Barcelona: Ático de los Libros.
- Annae Comnenae Porphyrogenitae Alexias* (1884). Ex Recensione Augusti Reifferscheidii, Volumen I. Lipsiae: In Aedibus B.G. Teubneri.
- Arrignon, J.-P. & Duneau, J.-F. (1992). Le roman byzantin: Permanence et changements. In M.-F. Baslez, P. Hoffmann & M. Trédé (Eds.), *Le monde du roman grec* (pp. 283-290). Paris: Presses de l'École Normale Supérieure.
- Beaton, R. (1996²). *The Medieval Greek Romance*. London & New York: Routledge.
- Browning, R. (1975). Homer in Byzantium. *Viator*, 6, 15-34. <https://doi.org/10.1484/J.VIATOR.2.301602>
- Browning, R. (1992). The Byzantines and Homer. In R. Lamberton & J.J. Keaney (Eds.), *Homer's Ancient Readers: The Hermeneutics of Greek Epic's Earliest Exegetes* (pp. 134-148). Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Cardin, M. (2018). Teaching Homer through (Annotated) Poetry: John Tzetzes' *Carmina Iliaca*. In R. Simms (Ed.), *Brill's Companion to Prequels, Sequels, and Retellings of Classical Epic* (pp. 90-114). Leiden & Boston: Brill. https://doi.org/10.1163/9789004360921_007
- Considine, P. (1966). Some Homeric Terms for Anger. *Acta Classica*, 9(1), 15-25. https://hdl.handle.net/10520/AJA00651141_669
- Fonseca, R.C. (2021). A *Alexiáda* de Ana Comnena e a tradição épica antiga: o retrato literário de Aleixo I Comneno entre a força de Hércules e o engenho de Ulisses. *Byzantion Nea Hellás*, 40, 127-140. <https://byzantion.uchile.cl/index.php/RBNH/article/view/65278>
- Goldwyn, A.J. (2017). Theory and Method in John Tzetzes' *Allegories of the Iliad* and *Allegories of the Odyssey*. *Scandinavian Journal of the Byzantine and Modern Greek Studies*, 3, 141-171. <https://journals.lub.lu.se/sjbmgs/article/view/17349>
- Goldwyn, A.J. & Nilsson, I. (2019). Troy in Byzantine Romances: Homeric Reception in *Digenis Akritis*, the *Tale of Achilles* and the *Tale of Troy*. In A.J. Goldwyn & I. Nilsson (Eds.), *Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook* (pp. 188-210). Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108163767.009>
- Hägg, T. (1983). *The Novel in Antiquity*. Oxford: Blackwell.
- Hunger, H. (1969-1970). On the Imitation (ΜΙΜΗΣΙΣ) of Antiquity in Byzantine Literature. *Dumbarton Oaks Papers*, 23-24, 15-38. <https://doi.org/10.2307/1291289>
- Kaldellis, A. (2008). *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511496356>

²⁷ *Il. Biz.* 8 e 958: ὡσπερ Ὅμηρος γράφει (“tal como Homero escreve”); *Il. Biz.* 796: ὡσπερ ἄγαν φιλόσοφος Ὅμηρος διδασκάλων (“como fez o grande erudito e mestre Homero”).

- Lampsidis, O. (1996). *Constantini Manassis Breviarium Chronicum*. Athenis: Apud Institutum Graecoromanae Antiquitatis, Academiae Atheniensis.
- Lavagnini, R. (2016). Tales of the Trojan War: Achilles and Paris in Medieval Greek Literature. In C. Cupane & B. Krönung (Eds.), *Fictional Storytelling in the Medieval Eastern Mediterranean and Beyond* (pp. 234-259). Leiden & Boston: Brill. https://doi.org/10.1163/9789004307728_011
- Luzi, R. (2016). Les romans paléologues: à la charnière de plusieurs traditions. In E. Egedi-Kovács (Ed.), *Byzance et l'Occident III. Écrits et manuscrits* (pp. 71-87). Budapest: Collège Eötvös József ELTE.
- Magueijo, C. (2003). *A Guerra de Tróia – História de Páris (Uma Ilíada Bizantina)*. Estabelecimento do texto, introdução, comentário linguístico e métrico, e léxico. Lisboa: s/n.
- Moennig, U. (2014). Literary Genres and Mixture of Generic Features in Late Byzantine Fictional Writing. In P. Roilos (Ed.), *Medieval Greek Storytelling: Fictionality and Narrative in Byzantium* (pp. 163-182). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- Moening, U. (2018). Intertextuality in the Late Byzantine Romance *Tale of Troy*. In T. Shawcross & I. Toth (Eds.), *Reading in the Byzantine Empire and Beyond* (pp. 351-372). Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108289993.018>
- Moreno Jurado, J.A. (1994). *Aquileida: poema anónimo bizantino*. Edición, traducción, introducción y notas. Madrid: Ediciones Clasicas.
- Nilsson, I. (2004). From Homer to Hermoniakos: Some Considerations of Troy Matter in Byzantine Literature. *Troianalexandrina*, 4, 9-34. <https://doi.org/10.1484/J.TROIA.2.301967>
- Nilsson, I. (2019). The Past as Poetry: Two Byzantine World Chronicles in Verse. In W. Hörandner, A. Rhyb & N. Zagklas (Eds.), *A Companion to Byzantine Poetry* (pp. 517-538). Leiden & Boston: Brill. https://doi.org/10.1163/9789004392885_022
- Nilsson, I. (2021). *Writer and Occasion in Twelfth-Century Byzantium: The Authorial Voice of Constantine Manasses*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108910217>
- Panayotopoulou-Doulaveras, V. (2006). The Hero Reborn? Representations of Achilles in Early Modern Greek Verse Literature. *Culture & Memory – Special Issue of Modern and Greek Studies*, 220-233.
- Redfield, J. (1979). The Proem of the *Iliad*: Homer's Art. *Classical Philology*, 74(2), 95-110. <https://www.jstor.org/stable/267668>
- Smith, O.L. (1990). *The Oxford Version of the Achilleid*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, University of Copenhagen.
- Stanford, W.B. (1985²). *The Ulysses Theme: A Study in the Adaptability of a Traditional Hero*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Theologitis, H.-A. (2004). Pour une typologie du roman a Byzance. Les héros romanesques et leur appartenance générique. *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik*, 54, 207-233.
- Tzetzae, I. (1793). *Antehomerica, Homerica et Posthomerica*. E codicibus edidit et commentario instruxit F. Iacobs. Lipsiae: In Libraria Weidmannia.
- Tzetzis, J. (2015). *Allegories of the Iliad*. Translated by A.J. Goldwyn & D. Kokkini [edição bilíngue]. Cambridge & London: Harvard University Press.
- Tzetzis, J. (s/d). *Antehomerica*. Translation by A. Untila. Retrieved from: <https://archive.org/details/TzetzisANTEHOMERICA>
- Tzetzis, J. (s/d). *Homerica*. Translation by A. Untila. Retrieved from: <https://archive.org/details/TzetzisHOMERICA>
- Tzetzis, J. (s/d). *Posthomerica*. Translation by A. Untila. Retrieved from: <https://archive.org/details/TzetzisPOSTHOMERICA>
- Yuretich, L. (2018). *The Chronicle of Constantine Manasses*. Translated with commentary and introduction. Liverpool: Liverpool University Press.
- Zagklas, N. (2017). Experimenting with Prose and Verse in Twelfth-Century Byzantium: A Preliminary Study. *Dumbarton Oaks Papers*, 71, 229-248. <https://www.jstor.org/stable/26497751>

Resumo

Neste artigo, pretendo analisar representações de Aquiles, da sua cólera e da Guerra de Tróia em algumas obras da literatura bizantina. A análise incidirá na épica, na historiografia e no romance, especialmente nos *Carmina Iliaca* de João Tzetzes, na *Crónica* de Constantino Manasses, na *Alexiada* de Ana Comnena e nos romances anónimos *Aquileida* e *Ilíada Bizantina*. Aquiles surge nestes textos bizantinos de acordo com o retrato convencional que dele se faz na poesia homérica: o herói por excelência, possante e implacável, que excede todos os outros combatentes na guerra. Dos epítetos que recebe, uns são de uso homérico, outros, construções eruditas posteriores. O relato selectivo que Homero fornece da Guerra de Tróia difere, porém, da visão alargada apresentada pelos escritores bizantinos, pois episódios fundamentais da *Ilíada*, como a cólera de Aquiles, a disputa com Agamémnon e o “raptó” de Briseida, são referidos de modo sucinto e/ou irrelevante. Nas obras mencionadas, ganham maior destaque episódios como a morte de Palamedes, a inimizade com Ulisses, o romance com Políxena e a morte às mãos de Páris e Deífobo. Os escritores bizantinos imitam Homero, ao mesmo tempo que recontam a Guerra de Tróia, adaptando-a às circunstâncias da sua época. No entanto, não deixam de reconhecer a autoridade do poeta arcaico. É essa combinação deliberada entre aproveitamento e afastamento da tradição homérica que se procurará enfatizar a propósito da representação literária de Aquiles entre os Bizantinos.

Abstract

In this paper, I intend to analyze representations of Achilles, his wrath and the Trojan War in some works of Byzantine literature. The analysis will focus on the epic, historiography and romance, especially on John Tzetzes' *Carmina Iliaca*, the *Synopsis Chronike* of Constantine Manasses, the *Alexiad* of Anna Comnena and the anonymous *Aquileid* and *Byzantine Iliad*. Achilles appears in these Byzantine texts according to the conventional portrayal of him in Homeric poetry: the hero par excellence, powerful and ruthless, exceeding all other fighters in war. Regarding the epithets assigned to him, some are of Homeric usage, others, later scholarly constructions. The selective account that Homer provides of the Trojan War differs, however, from the extended view presented by the Byzantine writers, for key episodes of the *Iliad*, such as Achilles' wrath, the dispute with Agamemnon, and Briseis "abduction", are referred to briefly and/or irrelevantly. In these aforementioned works, episodes such as the death of Palamedes, the enmity with Odysseus, the romance with Polyxena, and the murder by Paris and Deiphobus are greater highlighted. Byzantine writers imitate Homer while retelling the Trojan War, adapting it to the circumstances of their own time. Yet they do recognize the authority of the archaic poet. It is this deliberate combination of approximation of and departure from the Homeric tradition that will be emphasized here with regard to the literary representation of Achilles among the Byzantines.